

FH: 'Este é um governo de moral'

Presidente aproveita solenidades para dizer que chegou aos 68 sem dar motivos para suspeição

Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou duas cerimônias ontem no Palácio do Planalto para fazer um desabafo público e responder às denúncias de que teria dado seu aval para o favorecimento ao consórcio do banco Opportunity no leilão da Telebrás. Na primeira delas, ao meio-dia, Fernando Henrique chegou acompanhado dos presidentes da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e ainda encontrou na platéia os principais líderes de seu partido, o PSDB. Incentivado pelos aliados, disse que seu Governo tem na moral o seu principal fundamento e que chegou aos 68 anos de idade com a tranquilidade do dever cumprido, sem nunca ter dado motivo para qualquer suspeição sobre sua conduta no exercício do cargo.

— Estamos aqui numa nação, e não no mercado. E é bom que se diga que esta é a preocupação permanente do Governo. Até mesmo quando alguns levianamente imaginam que o Governo ter-se-á embrenhado em assuntos privados quanto, na verdade, estava defendendo o interesse público — afirmou o presidente, sob aplausos.

Muito bem, presidente — ouviu-se na platéia, onde se destacavam os líderes do Governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP), e no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM).

Na reunião da Executiva do PSDB, presidente exigiu respeito

Depois da reunião da Executiva Nacional do PSDB, vários dirigentes do partido seguiram para o Planalto. Muitos ficaram para a solenidade de lançamento do novo programa de crédito educativo, improvisando um ato de desagravo ao presidente. O desabafo de Fernando Henrique começou na reunião com os tucanos.

— Não espero mais reconhecimento, mas exijo respeito — disse ele, segundo relato do líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG).

Desde a divulgação de suas conversas telefônicas com o ex-presidente do BNDES, André Lara Resende, Fernando Henrique já vinha avaliando a possibilidade de reagir publicamente às denúncias de favorecimento. Mas foi orientado por assessores a aguardar, primeiro, a reação do mercado ao noticiário. Na quarta-feira à noite, tomou a decisão de falar sobre o assunto no dia seguinte. Ontem, então, o presidente tornou pública sua indignação e criticou a oposição por apresentar a toda hora um novo pedido de impeachment contra o seu Governo, o que considerou banalização.

— Por vezes, há quem confunda a Constituição, até mesmo institutos tão importantes quanto o impeachment, com uma transgressão de código de trânsito — disse ele no primeiro discurso.

O presidente também não poupar a imprensa e a forma como as denúncias vêm sendo apresentadas à opinião pública. Sem citar diretamente qualquer veículo de comunicação, reclamou das interpretações de fragmentos de uma história, onde o todo não é mostrado.

Fernando Henrique pede pressa na elaboração de código de ética

Numa referência ao grampo ilegal no BNDES que gravou sua conversa com Lara Resende, criticou a apropriação da privacidade alheia só para "fazer barulho". Por fim, o presidente se dirigiu à sociedade e pediu que se separe o que é abuso do que é crítica e o que é verdade do que é suspeita.

Mais tarde, ao empossar a nova Comissão de Ética Pública do Serviço Público, Fernando Henrique voltou ao assunto do grampo. Pediu aos membros da comissão que se apressem na elaboração de um novo código de ética que acabe com "zonas cinzentas" dentro do Governo.

— Na vida moderna, há áreas, digamos assim, cinzentas em que não se sabe exatamente o que é apropriado e o que não é. Mesmo o funcionário ou o alto funcionário terá, muitas vezes, momentos de dúvida: "posso ou não posso?" E não há regras. E, muitas vezes, não é possível tê-las — afirmou.

Pelo menos dois ministros saíram ontem em defesa do Governo. Paulo Renato Souza, da Educação, defendeu a implantação de uma "agenda positiva" no país e Pedro Parente (Orçamento) condenou as tentativas de linchamento e condenações antecipadas de autoridades. ■

A INDIGNAÇÃO PÚBLICA DO PRESIDENTE, EM DOIS TEMPOS

Givaldo Barbosa

- *"Chego aos 68 anos tendo toda uma vida de trabalho. Nunca tive qualquer coisa, a mais remota, que pudesse criar suspeição de algum interesse no exercício do cargo público que não fosse o povo, que não fosse o meu país. Nunca"*
- *"Há quem confunda a Constituição, até mesmo institutos tão importantes quanto o impeachment, com uma transgressão de Código de Trânsito e, a toda hora, tomam multa. Meu Deus! Há limites"*
- *"Não pode transigir com as leviandades, com as interpretações malévolas, insinuações, distorções, seja lá de quem for, mas muito menos ainda, quando se trata de interpretações, distorções, aleivosias sobre o presidente"*
- *"Orgulho-me de dizer que este Governo é um governo de moral. Tem na moral o seu fundamento"*

